

ESTADO DE AGÊNCIA: UMA ABORDAGEM PARA ANÁLISE DA AÇÃO DOCENTE BASEADA NA TEORIA DA AÇÃO MEDIADA

Fernando Accorsi¹

Marinez Meneghello Passos²

Sergio de Mello Arruda³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo propor o constructo Estado de Agência como alternativa metodológica para investigação da ação docente em sala de aula. Essa abordagem considera como base epistemológica a Teoria da Ação Mediada de James V. Wertsch tendo como foco o docente agindo por meio de ferramentas culturais (meios mediacionais). O Estado de Agência é estabelecido a partir da materialidade dos meios mediacionais utilizados pelo docente em suas ações no ambiente natural de trabalho. Esse constructo, tomado como estrutura basilar para a análise de conteúdo, determina a forma de recorte do *corpus* analítico, considerando as características materiais de agência, e sua categorização favorece a representação de relações de transição entre os estados (Diagrama de Estados de Agência). A abordagem proposta apresenta potencial para subsidiar interpretações descritivas e explicativas acerca do trabalho docente em sala de aula considerando o contexto social, histórico e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Ação Mediada. Estado de Agência. Ação Docente. Formação de Professores.

¹ Instituto Federal do Paraná – Campus Londrina. E-mail: fernando.accorsi@ifpr.edu.br.  <https://orcid.org/0009-0009-4154-2942>.

² Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: marinezpasseos@uel.br.  <https://orcid.org/0000-0001-8856-5521>.

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: sergioarruda@uel.br.  <https://orcid.org/0000-0002-4149-2182>.

STATE OF AGENCY: AN APPROACH FOR THE ANALYSIS OF TEACHER ACTION BASED ON THE THEORY OF MEDIATED ACTION

ABSTRACT

This paper aims to propose the State of Agency construct as a methodological alternative for investigating teaching action in the classroom. This approach is epistemologically grounded in James V. Wertsch's Mediated Action Theory, focusing on the teacher acting through cultural tools (mediational means). The State of Agency is established based on the materiality of the mediational means used by the teacher in the action. This construct, used as the basic structure for content analysis, determines the way of clipping for the analytic corpus considering the materiality of agency, and its categorization favors the representation of transitional relations between the states (State of Agency Diagram). The proposed approach demonstrates the potential to support descriptive and explanatory interpretations of classroom teaching practice considering the social, historical and cultural context.

KEYWORDS: Theory of Mediated Action. State of Agency. Teacher Action. Teacher Education.

1. INTRODUÇÃO

As interações humanas são basilares para o exercício da atividade docente. É no campo das interações sociais que o professor procura congruência de significados entre seus estudantes, com o propósito de ensinar e realizar o intercâmbio desses significados por meio de suas ações situadas em um contexto social, histórico e cultural.

Cotidianamente, em seu ambiente natural de trabalho, é onde o exercício de sua profissão se apresenta de forma mais concreta. O que o professor faz de fato, suas ações, desvelam sua prática para além do institucionalmente prescrito para a função. Tardif e Lessard (2014) destacam duas perspectivas analíticas para a investigação do trabalho docente: “pelo alto” e “por baixo”. A primeira privilegia na investigação, grandes variáveis sociológicas e forças sociais que estruturam a prática e a identidade dos agentes, enquanto a segunda diferencia-se, “levando a pesquisa ao campo propriamente dito das práticas cotidianas pelas quais se realiza e se reproduz o processo de trabalho dos atores escolares” (Tardif; Lessard, 2014, p. 38).

Considerando essas perspectivas analíticas, são pertinentes metodologias de pesquisa que busquem descrever a atividade docente a partir da observação direta de suas ações (“por baixo”) sem prescindir do contexto social, histórico e cultural (“pelo alto”). Nesse sentido, encontramos na Teoria da Ação Mediada (Wertsch, 1998a) a base epistemológica para a proposição de uma

abordagem metodológica que se justifica por manter sob análise conjunta o docente e as ferramentas culturais (meios mediacionais) articuladas em suas ações. Sob essa ótica, as ações infundidas das intenções do indivíduo podem ser investigadas de forma contextualizada a partir da materialidade dos meios mediacionais empregados. Diante dessas considerações, o presente ensaio teórico objetiva propor o constructo Estado de Agência como alternativa metodológica para investigação das ações docentes no âmbito da sala de aula.

2. TEORIA DA AÇÃO MEDIADA

A Teoria da Ação Mediada de James V. Wertsch, situa-se no espectro das pesquisas socioculturais inspiradas inicialmente na vertente histórico-cultural de Vygotsky (Wertsch; Ríó; Alvarez, 1998), a qual foi influenciada pela dialética materialista de Karl Marx e Friedrich Engels (Palangana, 2015). Na obra “Mente como ação” (Wertsch, 1998a, p. 24, tradução nossa), o autor enuncia a tarefa dessa abordagem dando prioridade analítica à ação humana: “A tarefa de uma abordagem sociocultural é explicitar as relações entre a ação humana, por um lado, e os contextos culturais, institucionais e históricos nos quais essa ação ocorre, por outro”.

Essa prioridade é justificada como uma maneira de opor-se à separação entre o indivíduo e o ambiente. Valoriza-se o caráter mediado da ação, concebendo o ser humano em contato com o ambiente. Considerando essa tarefa, Wertsch (1998a) recorre à Gramática dos Motivos de Kenneth Burke (1969) para estabelecer alguns princípios gerais para discussão da ação humana. O nomeado dramatismo de Burke (1969) apoia-se em cinco termos (pentagrama) como princípios geradores, os quais já os destaca no início de sua obra.

Nós usaremos cinco termos como princípios geradores da nossa investigação. São eles: Ato, Cena, Agente, Agência, Propósito. Em uma exposição coerente sobre os motivos, você deve ter algum tipo de palavra que nomeia o ato (nomeia o que ocorreu no pensamento ou ação) e outro que nomeia a cena (o pano de fundo do ato, a situação na qual ele ocorreu); você deve, também, indicar qual pessoa ou tipo de pessoa (agente) realizou o ato, quais meios ou instrumentos ele usou (agência), e o propósito. [...] qualquer exposição completa sobre os motivos oferecerá algum tipo de respostas para estas cinco perguntas: o que foi feito (ato), quando ou onde foi feito (cena), quem fez (agente), como ele fez (agência), e por que (propósito) (Burke, 1969, p. xv *apud* Giordan, 2008, p. 91).

Tendo em vista o pentagrama, Wertsch (1998a) coloca em foco o agente e suas ferramentas culturais (meios mediacionais) e compreende que estes fornecem boas percepções sobre os demais elementos (cena, propósito e ato). Nessa perspectiva, a ação mediada (agente-agindo-com-meios-mediacionais) como unidade de análise proporciona uma compreensão sobre

a relação agente-instrumento, a qual se propõe a superar a antinomia indivíduo e sociedade (Wertsch; Ríó; Alvarez, 1998). Desta forma, tal enfoque estabelece uma ligação natural entre a ação e os contextos culturais, institucionais e históricos, nos quais está inserida. Em essência, Wertsch (1998a) considera para análise das ações, a tensão irreduzível “agentes-ferramentas culturais” (agência), como destaca Giordan (2008, p. 93):

Para tanto, é preciso reconhecer que a tensão irreduzível “agentes-ferramentas culturais” (agência, na terminologia de Burke) pode ser representativa da ação mediada, e pode, portanto, ser adotada como uma unidade de análise capaz de interpretar satisfatoriamente ações humanas diversificadas, como aquelas que se realizam na escola.

Assim, a investigação da ação, com atenção a essa perspectiva de agência, considera que o agente não age sozinho, mas sim por algum meio mediacional, como também, a ferramenta só se faz ferramenta quando empregada pelo agente e compartilhada socialmente.

Na abordagem sociocultural, considerando os estudos de Vigotski (2007), compreendemos que a ação humana é mediada por ferramentas culturais. Para a Teoria da Ação de Mediada o termo “ferramentas culturais” engloba tanto os instrumentos (ferramentas técnicas) quanto os signos (ferramentas psicológicas) (Wertsch, 1993, p. 28) e podem “variar desde dispositivos mnemônicos simples, como marcas em pedra, até linguagem natural e computadores” (Wertsch, 1998b, p.518, tradução nossa). De acordo com Wertsch (1998a), uma das propriedades imprescindíveis a essas ferramentas é a materialidade. Nas palavras do autor: “Sem tal materialidade, não haveria nada com que agir ou reagir, e o surgimento de habilidades socioculturalmente situadas não poderia ocorrer” (Wertsch, 1998a, p. 31, tradução nossa).

A materialidade pode ser facilmente observada quando o meio mediacional é suportado em objetos físicos, os quais podem até vir a persistir para além do fluxo de ações do agente. No caso da linguagem falada, essa materialidade, mesmo que efêmera, é presente, pois só assim atende a seu propósito de mediação. Por meio da materialidade é possível considerar que as ferramentas culturais têm implicações no desenvolvimento de habilidades nos processos internos pelo seu domínio e apropriação (Wertsch, 1998a).

Quanto ao propósito da ação mediada, Wertsch (1998a) destaca que ela não pode ser adequadamente interpretada se for considerada a existência de um único objetivo. Os múltiplos objetivos, em interação ou conflito, podem ter interpretações variadas, dependendo da amplitude

da cena (circunferência da cena). Quanto mais amplo o contexto que a compõe, mais objetivos podem emergir para a mesma ação a partir de outras perspectivas de análise. Conflitos entre o propósito da ferramenta cultural empregada e do agente também podem se tornar evidentes.

A relação agente e ferramentas culturais tem caráter dinâmico, na qual a tensão irreduzível é historicamente situada e está em transformação. Esse processo pode ser compreendido na perspectiva do desenvolvimento da ação mediada, quer seja do ponto de vista do agente dominar as ferramentas culturais necessárias, quer seja na adaptabilidade delas para novos cenários socioculturais que se apresentam. Dominar uma ferramenta cultural, saber como usá-la, é uma das formas de internalização abordadas por Wertsch (1998a).

É importante considerar que ferramentas culturais possuem características que podem promover variadas possibilidades ao agente, mas também podem lhe impor limitações. Por vezes, as limitações são apenas percebidas quando novas ferramentas surgem e são apresentadas diferentes possibilidades. Neste ponto, Wertsch (1998a) destaca o entendimento de Vygotsky quanto ao potencial transformador da introdução de um novo meio mediacional sobre ação mediada:

[...] ao ser incluída no processo de comportamento, a ferramenta psicológica (signo) altera todo o fluxo e estrutura das funções mentais. Ela faz isso determinando a estrutura de um novo ato instrumental, assim como uma ferramenta técnica altera o processo de uma adaptação natural ao determinar a forma das operações de trabalho (Vygotsky, 1981, p. 137 *apud* Wertsch, 1998a, p. 43).

Para além da internalização discutida por meio do domínio da ferramenta, Wertsch (1998a) considera a ideia de apropriação, inspirando-se em Mikhail Bakhtin. Neste sentido, a internalização se dá quando o agente toma para si a ferramenta cultural e a utiliza de forma mais ampla em diferentes contextos. Como evidencia Giordan (2008, p. 97), são duas formas distintas de internalização:

É possível que alguém domine, mas não se aproprie de uma ferramenta cultural, como é possível também que o domínio e a apropriação estejam correlacionados em alto ou baixo grau. Os critérios de diferenciação estão definidos pelo comprometimento, resistência, autonomia do agente em executar ações com propósitos específicos.

Por fim, destacamos que na investigação, a partir da ação mediada, outros fatores complementares às funções cognitivas e comunicativas das ferramentas culturais podem ser explorados. Por exemplo, questões relacionadas ao poder e autoridade permeiam o uso das

ferramentas culturais pelo agente. De acordo com Wertsch (1998a, p.72, tradução nossa), “ao invocar as ferramentas culturais apropriadas, é possível que as ações de alguém assumam um tipo de poder e autoridade”. Em nossa discussão sobre o constructo, daremos mais atenção aos fatores cognitivo-instrumentais.

3. ESTADO DE AGÊNCIA

Antes de introduzirmos o constructo Estado de Agência, julgamos oportuno considerar alguns pressupostos sobre a ação docente. O primeiro deles refere-se ao conceito associado ao termo “ação docente”. Na revisão sistemática realizada por Bremm, Arruda e Passos (2023) sobre esta questão, os autores dos artigos selecionados, por falta de uma conceituação específica, relacionam-no com assuntos diversos associados ao tema, como: saberes docentes e formação profissional, formação docente, perspectivas histórico-sociais e histórico-críticas e avaliação. Como conclusão do processo de categorização empregando a Análise Textual Discursiva (ATD), evidenciam que o termo ação docente está associado a seis categorias finais: processo para ensinar e para aprender, processo dialógico e contextualizado, mobilização de saberes, processo reflexivo, planejamento e avaliação e formação de professores. A categoria processo para ensinar e para aprender possui o maior número de representantes.

Para os autores Bremm, Arruda e Passos (2023), essa categoria converge com o conceito adotado, inicialmente, pelo Programa de Pesquisa sobre a Ação Docente, Ação Discente e suas Conexões - PROAÇÃO (Arruda; Passos; Broietti, 2021), o qual assume que a ação docente é toda “ação que o professor desenvolve em sala de aula, tendo em vista o ensinar e o aprender” (Andrade; Arruda; Passos, 2018, p. 350). Iremos considerar este conceito preliminar como base para a compreensão da expressão ação docente.

O segundo pressuposto relaciona-se às questões metodológicas, o PROAÇÃO tem realizado investigações procurando identificar quais ações docentes e discentes podem ser observadas em aulas de Ciências e de Matemática na Educação Básica e no Ensino Superior, como também quais são suas implicações para o ensino, a aprendizagem e a formação de professores (Arruda; Passos; Broietti, 2021). Em geral, os pesquisadores desse grupo têm empregado a observação direta do professor durante as aulas, considerando, em suas análises, abordagens descritivas, explicativas e conexivas (Benicio; Arruda; Passos, 2020).

No contexto da sala de aula, essa riqueza de dados se observa em manifestações verbais e não verbais de professores e estudantes nas interações sociais. Para Lüdke e André (2013, p. 18), o estudo qualitativo “é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível, e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Destacamos aqui, a importância de investigar a ação docente qualitativamente durante sua execução em seu ambiente típico, a sala de aula.

Nesse ambiente educacional de ações interativas complexas, o professor interpreta os acontecimentos continuamente, impõe significações e mantém a comunicação no centro da ação pedagógica (Tardif; Lessard, 2014).

Na área de Ensino, encontramos diversos estudos que têm como abordagem metodológica a observação direta do professor em sala de aula conjugada à análise qualitativa, os quais investigam questões relacionadas tanto à comunicação verbal quanto à não verbal (Quadros; Giordan, 2019; Giordan; Silva-Neto; Aizawa, 2015; Farsani; Mendes, 2023; Farsani; Rodrigues, 2021).

Entendemos que, na essência da escolha deste caminho metodológico, está a relevância do que o professor realmente faz em sua prática educativa cotidiana e, conseqüentemente, a compreensão da natureza de seu trabalho.

Considerando esses dois pressupostos: o que compreendemos por ação docente e de que forma acreditamos ser relevante investigá-la, seguimos para a explicação do nosso constructo Estado de Agência. Para tanto, vamos abordá-lo primeiramente empregando os cinco elementos do pentagrama (ato, agente, cena, agência e propósito) proposto por Burke (1969), contextualizando-o nas ações docentes no ambiente educacional.

Como nosso foco é a ação docente, fica evidente que o “agente”, quem faz a “ação”, é o professor. É a partir desse agente que procuramos descrever as ações que o envolvem. Contudo, é importante observar que, muitas vezes, é a partir de ações de outros agentes que se torna possível identificar seu ato. Por exemplo, podemos observar o professor em silêncio com os olhos voltados para a turma, mas só é possível identificar se sua ação se refere a escutar um relato discente ou a repreender um comportamento inadequado, pela observação dos outros agentes. Portanto, a ação

docente é identificada em um contexto de interação social com múltiplos agentes e não de forma isolada.

Nessa perspectiva, um outro elemento emerge, a “cena”, a qual pode ser compreendida como um contêiner contextual que contém os agentes e suas ações. De uma maneira mais restrita podemos nos ater apenas a questões físicas de espaço e tempo: como o ambiente está organizado quanto aos móveis e equipamentos, sua localização geográfica, em qual turno a aula acontece e sua duração, entre outros. Características espaço-temporais que interferem no desenrolar da prática educativa. Vários exemplos poderiam ser apresentados nesse sentido: uma sala com carteiras enfileiradas ou dispostas em círculo que alteram a percepção do que está no centro da atenção; ou mesmo a presença de um projetor multimídia, que favorece a apresentação de representações químicas mais complexas.

Contudo, compreendemos que a cena inclui características para além das espaço-temporais e envolve possibilidades amplas de análise que exercem implicações sobre a ação docente. A cena também se caracteriza por fatores epistêmicos, curriculares, institucionais e socioculturais, por exemplo: se a cena é uma aula de Química para o Ensino Médio de uma instituição pública de educação profissional, há várias implicações para o enredo das ações. A natureza do ensino de Química envolve o uso de várias representações para fenômenos micro e macroscópicos, o currículo do Ensino Médio impõe um ritmo na distribuição dos conteúdos, a instituição de educação profissional valoriza a relação dos conteúdos com o exercício profissional, e seu cariz público promove a inclusão. Portanto, a cena, em nosso entendimento, caracteriza o contexto das ações de amplitude modulada pelo interesse da análise.

As diferentes circunferências da amplitude da cena auxiliam-nos na discussão do elemento “propósito”, ou seja, por qual motivo o professor fez determinada ação? Não trataremos nesse texto as questões relacionadas à consciência do agente sobre suas decisões na execução das ações (Schön, 2000) ou se fazem de forma racional (Bourdieu, 1997), mas no atendimento aos múltiplos objetivos destacados por Wertsch (1998a).

Nesse sentido, compreendemos que a ação docente observada é orientada primordialmente com o objetivo de ensinar na expectativa do aprender, mas que outros objetivos subjacentes podem estar envolvidos. Por exemplo, ao professor desenhar uma representação

química na lousa, podemos compreender, em primeira instância, considerando a amplitude da cena restrita à sala de aula, no tempo do ato, que a ação tem o propósito de explicar a estrutura química do fenômeno apresentado. Porém, ao ampliar a circunferência da cena analisada, englobando o contexto das avaliações nacionais, um outro propósito pode emergir, o de explorar representações que são questionadas em determinadas avaliações de grande escala. Portanto, na observação direta do ato, podem se apresentar de forma explícita alguns propósitos imediatos, mas consideramos que há outros tantos que necessitam de investigação posterior junto ao agente para se apresentarem. Outros, porém, de natureza identitária do agente, talvez nunca sejam desvelados, mesmo tendo implicações para a ação.

Por fim, temos o último elemento do quinteto, a “agência”, que se refere ao modo como o professor executa a ação. No contexto interativo do ambiente educativo, a ação (o que faz) é percebida a partir da materialidade do meio mediacional que o agente emprega ao fazê-la (como faz). Por exemplo, um estudante percebe que o professor está proferindo uma pergunta (o que faz) pela composição linguística do enunciado, pela prosódia da voz, direção do olhar, e por outras características observáveis devido à materialidade do meio (como faz). Considerando a tensão irreduzível “agentes-ferramentas culturais” da ação mediada, compreendemos que a ação docente é identificável por meio da materialidade observável na articulação da ferramenta cultural pelo agente professor (agência).

Nesse ponto fazemos uma ressalva quanto ao que denominamos como “identificável”. Tendo como referência as etapas da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), a exploração do material em análise constitui na administração das técnicas no *corpus*, em essência, a aplicação das regras de categorização aos recortes delimitados na pré-análise.

Mantendo o sentido, entendemos que algo é “identificável” quando os registros obtidos a partir da coleta de dados sobre ele tem potencial de categorização, segundo os critérios estabelecidos. Portanto, a ação é identificável primordialmente a partir da agência. Porém, é importante destacar que a cena e o propósito também podem contribuir para essa identificação.

Tendo em vista os cinco elementos do pentagrama contextualizados na ação docente, revisamos o conceito à luz da Teoria da Ação Mediada para: Ação Docente (ato) é uma ação humana realizada pelo professor (agente) por meio de ferramentas culturais (agência) em um

contexto educativo (cena) com o objetivo primordial de ensinar na expectativa do aprender (propósito).

Considerando o conceito apresentado e as questões expostas por meio do pentagrama, explicaremos o constructo Estado de Agência. O termo “estado”, quando consultado em dicionários da Língua Portuguesa, é associado a situação ou condição na qual se encontra alguém ou algo em determinado momento.

Partindo dessa semântica geral do termo, assumimos que o estado é uma coleção de características (atributos valorados) de algo observável em um intervalo temporal, as quais, em conjunto, identificam uma condição. Desta maneira, quando nos referimos ao termo Estado de Agência, o associamos semanticamente a um conjunto de características referentes à agência em um determinado intervalo de tempo capaz de identificá-lo. Como exposto anteriormente, as características são percebidas a partir da materialidade do meio mediacional durante a articulação das ferramentas culturais pelo agente em ação.

Portanto, conceituamos Estado de Agência da ação docente como: um conjunto de características materiais da agência do professor empregando ferramentas culturais durante a execução de ações que identificam uma condição no interesse do propósito de ensinar. Para melhor compreensão, podemos exemplificá-lo utilizando o ato de fazer uma pergunta, o qual pode compor diferentes Estados de Agência.

No Quadro 1 apresentamos dois deles, “Arguição Racional” e “Registro Participativo”, que envolvem o conteúdo verbal de diferentes tipos de perguntas (Carvalho, 2012), porém outras características não verbais compõem esses estados, como o espaço ocupado (proxêmica) na sala (Farsani; Rodrigues, 2021; Hall, 1959) ou outra ação concomitante.

O estado de “Arguição Racional” caracteriza-se pelo momento da aula (intervalo de tempo) em que o professor se aproxima da turma com olhar atento e profere uma questão com o propósito de instigar os estudantes a raciocinarem sobre os conteúdos. Já no estado de “Registro Participativo”, o agente faz perguntas mais simples procurando manter a interação com os estudantes enquanto faz o registro na lousa.

No desenrolar da aula, o professor alterna entre vários Estados de Agência, que representam a articulação das ferramentas culturais realizadas por ele com o propósito primordial de ensinar.

Destacamos que os estados apresentados têm o papel apenas de exemplificar o constructo e não compõem um sistema de categorias *a priori* para análise do comportamento do professor, como proposto por Flanders (1970).

Quadro 1 – Exemplos de Estados de Agência

Estados	Características materiais da agência
Arguição Racional	O conteúdo da fala é uma pergunta de raciocínio. A prosódia da voz é de uma pergunta. O professor encontra-se no espaço profissional ou social. A face está voltada para a turma.
Registro Participativo	O conteúdo da fala relaciona-se ao que está sendo registrado na lousa, complementado por perguntas de complementaridade, duas possibilidades ou sem sentido. Ao término da fala, a prosódia da voz é de uma pergunta. O professor escreve o conteúdo na lousa enquanto fala encontrando-se no espaço público.

Fonte: Os autores.

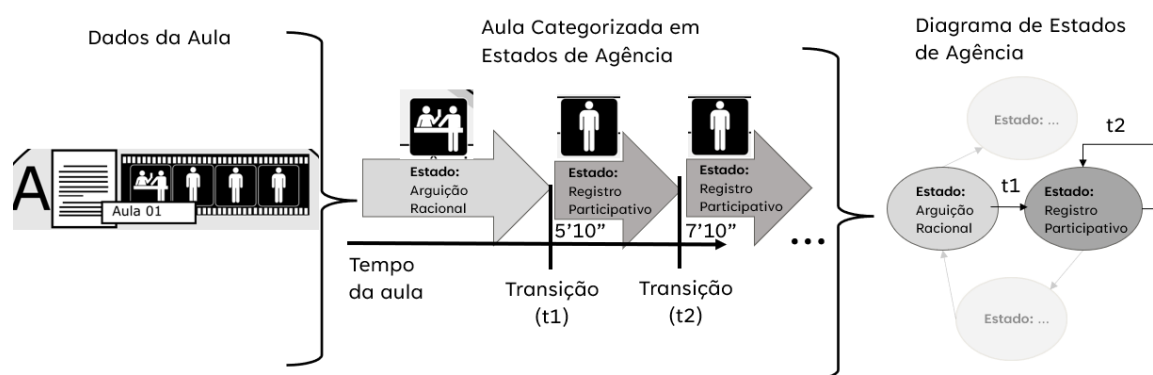
Quando são consideradas características não verbais na agência do professor, é comum os pesquisadores empregarem técnicas para registros audiovisuais do objeto de interesse. Flick (2009) destaca que a análise de vídeo amplia as capacidades de outras abordagens (gravações de áudio, entrevistas, notas de campo), pois registram também conteúdos não verbais da interação e ações no momento de sua execução.

Na abordagem apresentada, o constructo Estado de Agência impõe a forma de recorte da unidade de registro nos dados coletados e, conseqüentemente, torna-se estrutura basilar para etapas de categorização (Bardin, 2016). O constructo não limita o método de especificação das categorias, as quais podem emergir na pré-análise ou serem definidas *a priori*, considerando os quadros teóricos de interesse. Desta maneira, é possível não só caracterizar a agência do professor (tensão irreduzível agentes-ferramentas culturais) na forma de estados, mas também descrever quais relações de transição há entre eles na prática educativa observada.

A Figura 1 apresenta um exemplo de Diagrama de Estados de Agência (representado por um dígrafo) contendo essas relações de transição. No diagrama, os vértices do dígrafo representam os estados distintos associados à agência, enquanto as arestas indicam a presença de

transições entre eles. No caso apresentado, como durante a aula há uma transição (tipo t1) do estado “Arguição Racional” para o estado “Registro Participativo”, o dígrafo possui uma aresta entre esses dois estados. A partir desta representação é possível investigar as relações entre as agências, como também associar frequências a essas transições.

Figura 1 – Processo de Análise baseado em Estados de Agência



Fonte: Os autores.

Portanto, em primeira análise, compreendemos que o constructo Estado de Agência pode contribuir para uma abordagem descritiva sobre a ação docente à luz da Teoria da Ação Mediada, uma vez que considera em primazia a materialidade das ferramentas culturais nos momentos de ação do professor. Tendo em vista que a partir da descrição dos estados e suas transições, outras relações possam emergir, consideramos que o constructo também tem potencial para interpretações mais explicativas de interesse à formação de professores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, abordamos os fundamentos teóricos propostos por Wertsch (1998a), descrevendo algumas das propriedades da ação mediada relevantes para a compreensão de nosso constructo. Evidenciamos que ao considerar a tensão irreduzível entre agentes e ferramentas culturais (agência) na análise, estabelecemos uma ligação natural entre a ação humana e os contextos culturais, institucionais e históricos.

Nessa perspectiva, a materialidade dos meios mediacionais destaca-se como propriedade imprescindível para que a ação atenda aos seus múltiplos propósitos na interação social. Por conseguinte, é a partir dela que se torna possível buscar o domínio e a apropriação das ferramentas culturais técnicas e psicológicas pelos agentes. Na sequência, empregamos os cinco elementos do dramatismo de Burke (1969) para conceituar a ação docente à luz da Teoria da Ação

Mediada e introduzimos, conceitualmente, o Estado de Agência. Apresentamos o constructo como uma condição do professor identificada a partir de um conjunto de características materiais de sua agência no exercício da ação.

Diante do que foi exposto, compreendemos que adotar o constructo Estado de Agência como estrutura basilar para análise qualitativa contribui favoravelmente para a descrição das ações docentes, pois o processo analítico passa a orientar-se pela investigação de conjuntos de características materiais da agência, que agregados fazem sentido para a composição do repertório de estados.

Tais características podem envolver elementos verbais e não verbais, o que contribui para uma exploração multimodal das interações sociais.

A categorização baseada em estados impõe uma forma de recorte do *corpus* compatível com os elementos considerados em sua especificação, produzindo uma sequência representativa da agência do professor em função do tempo, fato que possibilita a quantificação de índices dos estados isolados, entre os quais: a frequência, o tempo de permanência, as possíveis transições e a identificação de sequências.

Isso nos remete à possibilidade de o Diagrama de Estados de Agência tornar-se uma representação elaborada sobre as sequências que mapeiam as relações de transição diretas entre os estados, o que contribui para descrever como o agente alterna entre as agências. Essa forma de representação também pode ser útil para a investigação de padrões de agência, possibilitando níveis mais abstratos de análise.

Tendo em vista as características apresentadas, concluímos que a abordagem baseada nos Estados de Agência possui potencial para subsidiar interpretações descritivas e explicativas para a ação docente, considerando aspectos socioculturais de seu ambiente natural de trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Edelaine Cristina; ARRUDA, Sergio de Mello; PASSOS, Marinez Meneghello. Descrição da Ação Docente de professores de Matemática por meio da observação direta da sala de aula.

Educação Matemática Pesquisa, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 349-368, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/32979>. Acesso em: 4 jun. 2025.

ARRUDA, Sergio de Mello; PASSOS, Marinez Meneghello; BROIETTI, Fabiele Cristiane Dias. O Programa de Pesquisa sobre a Ação Docente, Ação Discente e suas Conexões (PROAÇÃO): Fundamentos e Abordagens Metodológicas. **REPPE**, Cornélio Procópio, v. 5, p. 215-246, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/reppe/article/view/982>. Acesso em: 4 jun. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENICIO, Marily Aparecida; ARRUDA, Sergio de Mello; PASSOS, Marinez Meneghello. Um estudo quantitativo das conexões entre a ação docente e a ação discente em aulas de Matemática, Física e Química em um instituto federal do Paraná. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 35, n. 112, p. 456-477, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/9127>. Acesso em: 4 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **Razones prácticas**: sobre la teoría de la acción. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

BREMM, Daniele; ARRUDA, Sergio de Mello; PASSOS, Marinez Meneghello. Concepções de ação docente presentes em artigos do Google Acadêmico (2011-2021). **Revista Prática Docente**, [s. l.], v. 8, e23043, 2023. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/674>. Acesso em: 4 jun. 2025.

BURKE, Kenneth. **A grammar of motives**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1969.

CARVALHO, Ana Maria Pessoa de. **Os Estágios nos Cursos de Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

FARSANI, Danyal; MENDES, Jackeline Rodrigues. Discurso multimodal em sala de aula: gestos e proxêmica na interação professor-estudante. **Educar em Revista**, [s. l.], v. 39, e75958, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.75958>. Acesso em: 4 jun. 2025.

FARSANI, Danyal; RODRIGUES, Jackeline. Proxêmica e comunicação não verbal na interação em sala de aula. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s. l.], v. 25, e229866, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021229866>. Acesso em: 4 jun. 2025.

FLANDERS, Ned A. **Analyzing Teaching Behavior**. New York: Addison-Wesley Company, 1970.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIORDAN, Marcelo. **Computadores e Linguagens nas aulas de Ciências**: uma perspectiva sociocultural para compreender a construção de significados. Ijuí: Unijuí, 2008.

GIORDAN, Marcelo; SILVA-NETO, Arcelino Bezerra; AIZAWA, Alexandre. Relações entre gestos e operações epistêmicas mediadas pela representação estrutural em aulas de química e suas implicações para a produção de significados. **Química Nova na Escola**, Belo Horizonte, v. 37, n. 1, p. 82-84, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/0104-8899.20150021>. Acesso em: 4 jun. 2025.

HALL, Edward Twitchell. **The silent language**. New York: Doubleday e Company, 1959.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **A Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vigotski**: a relevância do social. 6. ed. São Paulo: Summus, 2015.

QUADROS, Ana Luíza de; GIORDAN, Marcelo. Rotas de transição modal e o ensino de representações envolvidas no modelo cinético molecular. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p 74-100, 2019. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/1296>. Acesso em: 4 jun. 2025.

SCHÖN, Donald Allan. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WERTSCH, James V. **Mind as action**. New York: Oxford University Press, 1998a.

WERTSCH, James V. Mediated Action. In: BECHTEL, William; GRAHAM, George (org.). **A companion to cognitive science**. Malden, MA: Blackwell Publishers, 1998b. p. 518-525.

WERTSCH, James V. **Voices of the Mind**: a socialcultural approach to mediated action. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

WERTSCH, James V.; RÍO, Pablo del; ALVAREZ, Amelia Alvarez. **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.